

à
margem
q.b.



Índice

- 02. Ícaro, o elástico
- 02. No Sopé de Parnaso .. Clássicos Metaliterários
- 03. CurioTopic - Intervenções na Sala Árabe do Palácio Nacional de Sintra
- 04. A Geração do Camião do Lixo
- 05. A cebola não te faz só chorar, também faz bioplástico!
- 05. Nuvens
- 06. Flor Cadáver
- 06. Quarta Edição do QueerSummit, para quê?
- 07. Outsiders
- 08. Agenda
- 10. A Buraca tem canções
- 11. mar e sal .. o pesadelo do cacilheiro
- 13. Capa e Memória
- 14. Somewhere; nowhere
- 14. Belas Brasas
- 14. Amote Rute
- 16. Cristianismos .. BatCopo - o Lendário Copo do Batman
- 16. Ferramentas de inteligência artificial expandem o impacto dos cientistas, mas contraem o foco da ciência
- 17. Os Dias que Vais Com ele

Contactos

Para submissões, questões, sugestões, reclamações.

E-mail: amargemqb@gmail.com

Instagram: [@amargemqb](https://www.instagram.com/amargemqb)

Redação

Afonso Martins
António Vicente
Beatriz Direitinho
Cristiano Barata
Francisco Guerreiro da Silva
Gaiato Anónimo Incógnito
Gonçalo Monteiro
Inês Pinto
João Fonseca
Matilde Capote
Pedro Copeto
Pedro Penna
Tiago Caldinhas
Zé Costa

Participaram os seguintes núcleos, associações e entidades

AEFCT	NNT
anTUNiA	NuBioq
GAPAV	NuCoRes
In-Nova	NuCraft
NAS	NuMAC
NBCM	NuPRIDE
NC	TunaMaria

Capa e Grafismos:

Amélia Pomar
Ana Vales



Ícaro, o elástico

Inês Pinto

Era uma vez um elástico que sonhava ser amigo de uma fisga e uma pedra. Sonhava juntar-se a eles como agente do caos, em virtude das mãos suadas de uma criança de más intenções. Pobre do elástico, sabia que não podia partilhar a sua vontade aos outros... Os seus amigos só pensavam em abraçar cartolinas e ajudar o mundo com decoração.

O elástico sabia o que tinha de fazer: jogar-se ao mundo, saltar muros e descobrir novas cidades. Talvez devesse começar por ir à rua, mas a verdade é que ele nunca tinha saído da casa da professora Maria. E todos os dias, um a um, via os seus amigos, colegas de pacote, serem puxados e embalados num sonho que ele não compreendia, esperando irremediavelmente esse mesmo destino.

Um dia, a professora aproximara-se como sempre para buscar outro elástico para os seus projetos, no entanto, desta vez algo estava diferente. Dentro do pacote de elásticos a energia subia, mas entre a exaltação de todos (ou quase todos), ouvira-se um grito apavorado: “ELA ESTÁ SEM ÓCULOS!”.

Instala-se o caos.

Maria avança a fundo na direção deles e pelo seu trajeto as suas mãos tropeçam em tudo o que é coisa: espezinham nos TPCs de matemática dos miúdos, escorregam no café da manhã, enrolam-se nos fones que o seu marido está para arranjar há 3 meses, e, de repente, os elásticos sentem uma sensação que só se pode descrever como um formigar ansioso, pois a próxima paragem do comboio trem-bala das mãos de Maria é a casa dos pequenos habitantes de borracha.

“Não acredito...” pensou o elástico. “É o destino, esta é a minha chance. Se aproveitar o impacto e me posicionar na direção da janela da sala de estar, posso fugir! Um novo mundo! Finalmente, uma oportunidade!” e gritando com toda a sua esperança de poliéster, saltou da janela... “Doravante serei Ícaro, o elástico que ousou voar!”

Se, ao menos, o nosso pequeno Ícaro soubesse o destino do mito que o inspirava...

Tuna Maria

Este mês de março conta com:

- Um **Ensaio Aberto**, dia 10, às 21h00, na sala 204 do Ed. IV;
- **Venda de crepes**, nos dias 17, 18 e 19, no Edifício Departamental.

Além disso, lançámos, recentemente, a segunda edição do nosso podcast, “**II Maria Vai Com Todos**”, disponível no YouTube, Instagram e Facebook, onde partilhamos conversas, histórias e momentos ligados à música.

Ensaaios todas as terças e quintas: Ed. IV, sala 204, 21h.



No Sopé de Parnaso

Rúbrica de **Francisco Guerreiro da Silva**

Clássicos Metaliterários

«Chama-se clássico a um livro que se configura como equivalente do universo, tal como os antigos talismãs.»

Italo Calvino

Há livros que, escandalosamente, nos dizem: “Eu sou um texto que está a ser escrito pelo seu autor”. À parte isso, esses palimpsestos deixam os leitores com mais dúvidas do que com certezas. Ao invés de aumentarem a sapiência dos leitores, põem a nu o vazio da ignorância. Não enchem uma jarra, acendem uma chama. Resumindo, deixam-nos desassossegados!

O *Horla* (1887), *Livro do Desassossego* (1982) e *A Hora da Estrela* (1977). Três obras que nos põem a indagar sobre o “eu”. Isto porque quebram a ideia clássica das estruturas narrativas. O “eu”, aqui, não é estável, não controla a diegese, está em construção e/ou mutação... Afinal, quem é o “eu”? Quem escreve o texto? Quem o lê? E, por fim, quem escreve quem?

No conto de Guy de Maupassant (1850-1893), o protagonista acredita ser autor do seu diário. Contudo, com o passar dos dias, o diarista vai perdendo o controlo da própria consciência. A escrita passa a ser

prova da fragmentação do protagonista. Contudo, a culpa não pode morrer solteira. O herói de Maupassant tem demasiado controlo sobre o seu pensamento para o apelidarmos simplesmente de louco. Por um lado, podemos argumentar que o *Horla* é ação do protagonista, que está tudo na sua cabeça. Ou, mais precisamente, no seu papel. E aqui está o Busilis. É que nos três textos, a fonte de dúvida é sempre o papel – a letra redonda.

Sendo o *Horla* real ou não, o nosso narrador transforma-se aos poucos numa vítima. De quê? Da sua produção escrita? Do poder (que ele desconhece) que Maupassant tem em sua pena? E nós leitores? Seremos também vítimas por termos saído da história tal como entrámos – sem sabermos nada? (Herculano dizia que éramos um ponto com dois infinitos ao nosso redor.) Ou seremos também cúmplices da destruição do narrador? Afinal de contas, ele sente-se louco por, entre outras coisas, saber que há alguém que lhe está lendo os textos pessoais. Ora, se ele realmente está louco e o *Horla* não passa de uma criação de papel, então quem lhe estará a ler o diário? Obviamente que somos nós – os leitores!

Se a mestria de Maupassant está em deixar nas mãos do seu herói o poder de criar um mundo de papel (bastante paradoxal uma vez que o próprio contista o faz para criar o seu protagonista), a arte está em pousar no leitor o indelével poder de influenciar a história.

A obra de Fernando Pessoa (1888-1935) é muito mais complexa devido à forma como foi concebido o *Livro do Desassossego*. Se, numa primeira fase, temos um texto bastante decadentista e, como defendia António Quadros, é o decadentismo que leva ao desassossego, na segunda temos o sepultar de Vicente Guedes e do próprio Pessoa para a entrada em cena de um novo diarista – Bernardo Soares. Este ajudante de guarda-livros toma de assalto a obra de tal maneira que leva Pessoa, numa de suas cartas, a dizer «o livro não é dele: é ele».

Soares não vive para escrever – escreve para viver. Ao longo da obra observamos nesta mutilação

«sem o afeto e o raciocínio» a personificação, tal como Hamlet, de uma hiperconsciência que leva à total inação. A partir dessa posição, Soares vive num turbilhão de aquisições sensoriais transpostas em fragmentos eternamente aleatórios. Há um excesso de dramatização daquilo cujo conteúdo não possui qualquer peso específico ou especial.

Porém, é esse modo de aquisição, essa mundividência que cria (literariamente e em seu diário) insignificâncias disfarçadas de universos, um universo de insignificâncias – um universo insignificante.

Macabéa: um Universo Insignificante.

N'A *Hora da Estrela* encontramos o *ex-libris* da metaliteratura. São camadas em cima de camadas de vazios em chamas de fogos fátuos. Temos Clarice Lispector (1920-1977), Rodrigo S. M. e Macabéa: três formas de algo incompreensível que, ainda assim, provoca lágrimas. Atentemos em três excertos:

«Pretendo como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que pensadamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.»

«De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa não estará tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza.»

«O facto é que tenho nas minhas mãos um destino [...]: sigo uma oculta linha fatal. Sou obrigado a procurar uma verdade que me ultrapassa. Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou.»

No primeiro encontramos-nos na oficina de Rodrigo S. M. «(Na verdade Clarice Lispector)». Lemos-lhe a vontade de

simplificação – talvez à procura do ponto de que falava Herculano. Entramos também na sua cabeça ao perceber as suas dificuldades autorais. Tal como em outro passo nos conta, ele tem fotografias na mente, tem ideias de um final que prefere guardar para si e, ao mesmo tempo, dúvidas de para onde ir e de que fazer.

É como se houvesse o destino que ele quer e o destino que há, que é único, fatal e do qual não podemos fugir. A história de Macabéa revela-se-nos como um saltitar entre estes dois mundos. Um saltitar que a qualquer momento pode acabar numa dramática e trágica queda na teleologia narrativa. Macabéa adoraria a palavra “teleologia”.

Rodrigo S. M. termina falando de trabalho de carpintaria. Não resisto a relembrar um outro personagem muito famoso de um outro livro ficcional também muito famoso (isto é uma provocação. Ele que me perdoe, se quiser) que também era carpinteiro: Jesus de Nazaré. Também ele com todo o poder criador e, ainda assim, também ele teve dúvidas.

No segundo excerto lemos mais um dos comentários parentéticos de S. M. Desta vez com mais certezas no seu poder de criação.

Por fim, no terceiro encontramos a tal dúvida, encontramos o ponto de interrogação. É como se o verdadeiro herói (se é que ele existe) fosse Rodrigo e estivesse ele agora no seu momento de provação. Que fazer a, e com, Macabéa? Rodrigo S. M., tal como Jesus, acede à «oculta linha fatal».

Contudo, para terminar o caminho do herói, falta o sacrifício. A *Hora da Estrela* tem treze capítulos. Esse número equivale ao número de tiros que fuzilaram um criminoso brasileiro homónimo de um comovente texto de Lispector – *Mineirinho*. Nesse texto, há um parágrafo em que Clarice narra os treze disparos. Ao longo do parágrafo, Clarice sente um alívio de segurança ao ouvir os dois primeiros, fica alerta ao terceiro, no quarto desassossegada, cobrida de vergonha no quinto e no sexto,

no sétimo e oitavo ouve o seu coração bater de horror, no nono e no décimo fica de boca trémula, no décimo primeiro diz em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chama pelo irmão. «O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.»

Ao décimo terceiro título d'A *Hora da Estrela* Macabéa morre e, com ela, morre também Rodrigo S. M. Porque ele se tornou ela.

Que têm em comum estes três textos? O mais óbvio talvez seja a componente metaliterária. Nos três, vemos três autores a escrever em direto. Nós lemos enquanto eles escrevem. Aliás, eles sabem disso. Como? Porquê? Porque o verdadeiro autor – Maupassant, Pessoa, Lispector – tratam os leitores como marionetas nos seus espetáculos de criação? Ou será porque eles se dissolvem ao longo e sobre os seus textos acabando por morrer com eles?

Italo Calvino, numa das suas definições do que é um clássico diz-nos que «Um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer». Como? Talvez porque, como dizia Lobo Antunes, a capa não devia trazer o nome do autor, mas o nome do leitor. Talvez tenha razão. Talvez só assim é que um livro se torne num clássico. É com o infinito de nomes na lombada que um livro se configura como equivalente do universo. Um Universo Insignificante.

Talvez seja Isso,
Não sei,
Sim.

NuCoRes	
	<p>CurioTopic Intervenções na Sala Árabe do Palácio Nacional de Sintra</p>

Neste CurioTopic, gostaríamos de te apresentar uma nova notícia sobre a Conservação e Restauro do nosso património! Dentro da Sala Árabe do Palácio Nacional de

Sintra foram encontrados azulejos que datam do século XVI, que juntam conhecimentos oriundos da cultura islâmica. Este conjunto continha “diferentes técnicas de elaboração e de cozedura, e também diferentes soluções que permitem ser azulejos grafitados, relevados, azulejos com volume”, disse João Sousa Rego ao JN.

Quem agora visitar esta sala encontrará profissionais de Conservação e Restauro encarregues de recuperar estes azulejos únicos que constituem o nosso património cultural e intelectual.

Sim! O restauro destas peças cerâmicas permitiu desenvolver técnicas e metodologias inovadoras que serão utilizadas para outros projetos e assim aumentarão o conhecimento científico nesta área, tanto nacional como internacional.

Para concluir esta investigação foi necessário, antes de intervir diretamente na azulejaria existente, uma pesquisa intensa do sítio, onde se encontraram pinturas murais já esquecidas que permitiram repor a harmonia e o contexto daquela Sala. O restauro teve como foco a limpeza e estabilização das peças, devolvendo-lhes a leitura visual e valorizando o conjunto decorativo.

Esta intervenção insere-se no esforço contínuo de manutenção do património do Palácio Nacional de Sintra, assegurando que elementos históricos e artísticos como estes possam ser apreciados pelas gerações futuras.

Se gostaste desta rúbrica e quiseres conhecer mais curiosidades no âmbito do património, podes seguir-nos no Instagram: **@nucores.fct**

Entre os dias 9 e 12 de abril, a anTUNiA faz as malas e embarca em viagem para representar a NOVA FCT e a Cidade de Almada na Ilha Terceira, nos Açores, onde participará no XVIII Ciclone - Festival Internacional de Tunas Cidade de Angra do Heroísmo, festival organizado pela Tuna Universitas Scientiarum Agrariorum.

A anTUNiA realiza já este mês o XXXII Tágides

É já nos dias 6 e 7 de março que decorre a 32ª Edição do **Tágides - Festival Internacional de Tunas Universitárias**, organizado pela anTUNiA, na Cidade de Almada.

O *Tágides* assinala já trinta e uma edições, todas realizadas na Academia IRF Almadense, e desde a sua primeira edição, em 1993, até hoje tornou-se num festival de tunas de referência no panorama nacional e internacional, impondo-se como um marco na cultura a sul do Tejo e primando pela qualidade musical e entretenimento.

Todos os anos, o *Tágides* conta com a participação de tunas não só de norte a sul do país, como também fora de Portugal, e este ano não é exceção. Nesta edição, poder-se-á contar com atuações da TAL - Tuna Académica de Lisboa, da TMUC - Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, da TUIST - Tuna Universitária do Instituto Superior Técnico e da Tuna de Medicina de La Laguna que estarão a concurso no decorrer do festival e ainda da Tuna Maria - Tuna Feminina da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e da in'Spiritus Tuna - Tuna Feminina da Egas Moniz, que participarão como tunas extra-concurso.

Como já é habitual, o *Tágides* conta com uma noite de Serenatas, que acontece na sexta-feira, nos Paços do Concelho de Almada, com entrada livre, e com a noite de espetáculo que acontece na Academia IRF Almadense, no sábado. Em ambas as noites, ainda acontece um momento de convívio, após as atuações, na NOVA FCT.

Tens interesse em aprender a cantar ou tocar algum instrumento? Então já tens o necessário para pertencer à anTUNiA! Todas as terças e quintas feiras às 21h00, na Sala 203 do Edifício IV, podes aparecer nos nossos ensaios, para embarcar nesta experiência e ver como são as atuações da nossa perspetiva, de norte a sul do país.

A Geração do Camião do Lixo

Pedro Penna

Imagino que todos nós, estudantes de engenharias, ficamos um bocado de pé atrás em rejeitar as IA, pois sabemos que sem estas maravilhas da tecnologia, cujos comportamentos emergentes nem os melhores informáticos conseguem explicar totalmente, as nossas vidas académicas seriam um inferno (ainda maior).

Mas é brutal como em tão poucos anos conseguimos normalizar um site ter a resposta para tudo, conversar como um humano e simular emoções (mesmo que sejam apenas código) em questão de segundos. Ainda me lembro de ver os primeiros *gifs* de uma IA (o Will Smith a comer esparguete) e me partir a rir. E, em questão de poucos anos, já não vejo a diferença entre o que é real e o que não é. Já não me rio.

Acredito que filosofia não seja o ponto forte de nenhum de nós, visto que viemos parar a esta faculdade. Contudo, peço-vos que alinhem comigo na minha péssima filosofia e no meu pessimismo.

Se as IA sabem mais do que qualquer ser humano que existe ou existiu, isso não as torna humanas também? O conhecimento é o bem mais precioso e não há nada que lhes chegue aos calcanhares. E digo mais: as IA não são uma forma de Deus? (Perdoem-me a heresia). Porém, elas são omnipresentes, omniscientes e, daqui a nada, omnipotentes. E, pois, bem, são imortais, ao que tudo indica. As IA são o super-homem de Nietzsche? São elas o ápice da humanidade e, se sim, isso torna-nos obsoletos? E para quem já viu *Evangelion*, as IA não seriam o começo do projeto de instrumentalidade humana?

Acredito, meus caros amigos e amigas, que daqui a uns tempos a carne e o osso que nos cobrem estão fadados à sucata e, num mundo não muito distante do nosso de hoje, as nossas mentes, separadas ou até unidas, estarão numa rede incorpórea.

Até lá, vou agradecendo todas as respostas que elas me dão, pois

não sei quando me irão bater à porta para me deitar no camião do lixo. Pelo menos espero que elas devolvam a minha educação e me deem gentilmente.

NAS

Núcleo de Ambiente e Sustentabilidade

A cebola não te faz só chorar, também faz bioplástico!



Referência

Bem... Na verdade menti (nada como um bom *clickbait*, não é verdade?) Menti, porque não é a cebola, mas, sim, a sua casca. O que é ainda melhor! Este subproduto da nossa alimentação diária pode ser utilizado para conferir capacidades “super-heróicas” a bioplásticos à base de amido, recuperado de lamas de processamento de batatas.

Segundo um estudo da Universidade de Aveiro, a incorporação de extratos de casca de cebola numa matriz polimérica à base de amido melhora não só o seu aspeto estético e elimina a necessidade de adição de corantes artificiais, como, também, revela propriedades mecânicas aprimoradas e maior resistência à água, tornando esta combinação de resíduos anteriormente desperdiçados num produto promissor para o futuro das embalagens sustentáveis.

O artigo do jornal da mesma universidade conta, ainda: “Os investigadores apontam que a produção mundial de cebola ultrapassa os 98 milhões de toneladas por ano [...]” e que desta produção 550 mil toneladas correspondem a resíduos de cascas. Sim! Ouviram bem! Cerca de 46 mil elefantes em peso são desperdiçados todos os anos na produção deste pequeno ingrediente bulboso.

Ah! Quem não adora notícias sobre o desenvolvimento de materiais com zero desperdício, evitando a produção de plásticos através de combustíveis fósseis? Hmm! Isso lembra-me... Se adoraste esta notícia, dá um saltinho na página de instagram do NAS (@nasfct) para mais curiosidades como esta. ;)

Nuvens

António Vicente

Em pleno século XX, Fernando Pessoa prefere levar a sua prazerosa aguardente da tarde num copo reutilizável para um banco no Jardim do Príncipe Real. Tem andado um pouco cansado por passar tanto tempo nos locais habituais, como o escritório do seu trabalho e os cafés. Portanto, tem deambulado pelo jardim a pensar sobre a sua vida e também a sonhar. Naquele dia sem chuva, nuvens cinzentas permanecem no céu. À sua frente, repara numa figura invulgar, incomum naquelas redondezas que se encontra encostado a uma árvore – o famoso cedro-do-buçaco. A árvore centenária parece estar em maior movimento que o próprio homem ali presente. É isso que faz FP questionar-se em relação ao que vê. Deste modo, aproxima-se de ambos perguntando:

FP – Quão suave é o sono sob essa sombra de árvore?

Osho olha para FP e, conquanto não fique surpreso com a sua presença, sorri com uma profundidade que desarma o poeta.

Osho – Não estou a dormir, estou a observar-me. Pode praticar meditações a partir de qualquer coisa. Buda insistia que se deve observar cada ato do nosso corpo: caminhar, sentar-se, deitar-se. E aqui estou simplesmente sentado.

FP – Em vez de meditando, estou dormindo e sonhando sempre, porém, estou sempre outro por trás do trabalho. Sou ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Já me cansa a rua e aqui estou eu.

Osho – Enquanto desperto, deslocando-se na rua, é uma chama em movimento. No seu coração arde uma chama e o seu corpo é apenas uma luz à volta da chama. Mas não me parece estar desperto; parece-me estar paralisado.

FP – Como um homem vulgar, nem ajo nem não ajo. Por vezes tenho vontade de gritar, para acabar com a paisagem e a meditação. Por isso passeio ao sol o meu repouso, ignorante voluntário dos propósitos.

Há nuvens que abafam a luz que chega entre os ramos do cedro, em coberturas de lentidão.

Osho – Não pode sentar-se por um único momento, uma vez que a sua mente continua a conversa num estado de loucura. O trânsito é permanente e é sempre hora de ponta, onde os pensamentos se amontoam tal como os veículos. Tem de desautomatizar, é essa a essência da meditação, é isto que eu ensino. Todas as escolas e universidades ensinam a concentração, porque a intenção é memorizar. Quando me tornei professor de filosofia, não ensinava nada. Os que queriam assistir às minhas aulas tinham de aprender a ouvir. A verdade surge quando estamos dispostos a ouvir adequadamente. Tem tudo a ver com a qualidade. Educadamente, damos a entender que sim, que estamos a ouvir.

FP – Não sei para onde conduza os pensamentos, ou onde preferiria conduzi-los. Sem querer, sinto que tenho estado a pensar na minha vida. Mais vale pensar que viver. De tanto pensar-me, sou já meus pensamentos mas não eu.

Osho – Para ouvir temos de desistir do nosso pensamento. Se está a falar interiormente quando estou a falar consigo, como poderá ouvir-me? Ouvir adequadamente significa estar numa disposição totalmente recetiva e silenciosa.

FP – Isso é interessante. Aliás, tudo me interessa e nada me prende. Até pelas emoções tenho curiosidade. Existe um desassossego sempre crescente e igual em mim.

Osho – Não estou aqui para criar um novo desejo nem a mim nem a si. Através de uma enorme paciência, estou aqui simplesmente para fazer-me consciente de todo o absurdo de desejar. Se quiser, pode tomar-me atenção.

FP – Somos todos míopes, exceto para dentro. Só o sonho vê com o olhar e é assim que começo a ter consciência de ter consciência, estando triste abaixo da consciência.

Osho – A comunhão entre a consciência e a existência é a meditação. Terá de enfrentar o seu próprio consciente. Mesmo que acreditemos que estamos em silêncio, não estamos a ouvir. Em vez dessa bebida que carregas na tua mão, porque não bebes do silêncio?

FP – Quando escrevo, visito-me

solenemente e a aguardente ajuda nisso. Sou uma prateleira de frascos vazios, e a aguardente ajuda a soltar-me do tédio da realidade e do meu ego.

Osho – Está a rejeitar partes profundas de si próprio. De todas as maneiras, o ego é a maior doença que pode acontecer ao homem.

FP – Contemplativo sem êxtase, pensador sem conclusão, viverei. Eterno pôr-do-sol do que sou.

Observam o céu que não chove, enquanto as nuvens carregadas de água começam a desaparecer aos poucos, ao contrário daquela conversa.

...

(Continua na próxima edição)

Flor Cadáver, Inês Pinto



Amorphophallus titanum, conhecida pelo nome 'flor-cadáver'!

Aquando da floração, **exala um forte odor nauseabundo de carne podre** que atrai insetos polinizadores, como moscas e besouros, que normalmente buscam alimento em ambientes putrefatos.

Os florescimentos são raros e duram poucos dias. No Jardim Botânico da Universidade de Varsóvia, na Polónia, um exemplar desta planta floresceu e murchou em apenas dois dias. Atingiu 1,81 m de altura, sendo maior que eu!! :0

Ela pode viver até aos 40 anos, no entanto, só irá florescer, no máximo, três vezes na sua vida. :(

Quando desabrocha, a inflorescência pode chegar a **atingir três metros de altura e pode pesar até 75 quilogramas!!**

Essa planta tuberosa, cultivada em diversos jardins botânicos, é um endemismo das florestas tropicais do oeste de Sumatra, uma ilha da Indonésia.

Seu nome científico *Amorphophallus titanum* significa, literalmente: falo gigante sem forma.

Fontes: SIC Notícias, Observador, BBC, tuacasa.uol.com.br



A Innovation Week voltou à FCT

Mais uma edição, novas empresas e mais novidades!

“**Innovation doesn't wait. Why should you?**” é o tema da *Innovation Week 2026*, que decorre nos dias 9 e 10 de março na NOVA FCT. A iniciativa, promovida pela In-Nova, Júnior Empresa da Faculdade, afirma-se como um espaço de encontro entre estudantes, empresas e profissionais, fomentando proximidade ao universo empresarial e contacto direto com diferentes percursos e experiências.

Ao longo da programação estão previstos momentos de interação entre os vários estudantes, através da cooperação com vários núcleos e com entidades convidadas, bem como atividades orientadas para a exploração de oportunidades profissionais e empresariais. O objetivo passa por aproximar os estudantes de desafios concretos, estimulando pensamento crítico, iniciativa e ambição.

Este ano, estará integrado na *Innovation Week*, o Hackathon “Da NOVA FCT para o Mundo” que se assume como um dos novos pontos centrais do programa. Durante 48 horas consecutivas, entre 7 e 9 de março, 20 a 30 estudantes irão trabalhar em equipas multidisciplinares no desenvolvimento de soluções nas áreas da Sustentabilidade Energética e Ambiental e da Transformação Digital e Infraestrutura Tecnológica.

As propostas serão apresentadas perante um painel com representantes institucionais e empresariais, privilegiando soluções testáveis e com potencial de aplicação além do campus. Com esta iniciativa, a In-Nova reforça o compromisso de colocar a NOVA FCT no centro das discussões sobre inovação, talento jovem e criação de valor.

Não percas tempo, esperamos por ti na *Innovation Week 2026!*

Quarta Edição do
QueerSummit,

Texto submetido
pelo NuPRIDE

para quê?

No dia 10 de março vai acontecer o **QueerSummit IV!** Para quem não sabe, este é um evento em que, das 10h às 20h, na Sala Ágora, vamos contar com várias palestras, *workshops* e atividades (descobre o programa no nosso Instagram @nupridefct). Para além disso, nesta edição não só teremos bancas de várias entidades, como também contaremos com bancas de artistas LGBTQIA+!

Para nós, este é um evento muito especial, não dizemos isto apenas por causa das atividades incríveis. Dizemo-lo, porque o *QueerSummit* serve como ponto de encontro para tudo aquilo que este núcleo defende.

A sexualidade não é uma escolha. A identidade de género é muito mais do que um regime binário rígido. E, apesar do progresso nas últimas décadas, a heteronormatividade continua a ser o alvo que desafiamos e, com o tempo, conquistaremos a redefinição do que é ser humano. Esta é uma luta de todos para todos.

Desafiamos também a *LGBTfobia*. A discriminação contra a comunidade LGBTQIA+ não é um medo, é um preconceito estabelecido pela cultura em que crescemos. Por isso, desafia e desafia-te a compreender a atração e a identidade de género. Pergunta-te: como seria se nunca nos tivessem dito nada? E se o que sabemos fosse uma aprendizagem constante e não algo baseado em conceitos fixos? Como seria se as cores não tivessem sexo? E se não houvesse separação por secções de roupa? Como seria se pudesses escolher livremente aquilo de que mais gostas, simplesmente porque gostas e não porque é suposto gostares? Desafiamos o conformismo do sistema. Desafiamos o estatuto de “homem” e “mulher” e tudo o que significa sê-lo.

Muitos países já incorporaram

leis que permitem esta desconstrução, como o acompanhamento para pessoas transgénero, o casamento e a adoção por quaisquer pessoas, a criação de espaços inclusivos, mudança de nome e género, educação escolar inclusiva, a criminalização de atos contra a comunidade como crimes de ódio e terapias de conversão, entre outros. Neste momento, não só vemos algumas destas medidas a retroceder, como ainda outras são necessárias para que todas as pessoas tenham os seus direitos reconhecidos e a sua dignidade plenamente restaurada. Por isso, mais do que nunca, é necessário ser audaz, resiliente e destemido: desafiar as crenças, desafiar o sistema e nunca parar. A maior conquista é a conquista do povo: através do ensino, da saúde, da ciência e da arte, em todas as áreas que nos inserimos. Não importa quem somos nem onde estamos no mundo: esta luta é interseccional. Quem somos não cabe numa caixa.

É por isto que este evento é essencial, como todos os eventos LGBTQIA+. Não caber nos ideais da sociedade é normal. Se ainda não te confrontaste com isto, e se tudo o que leste te trouxe desconforto ou fez sentido, convidamos-te a lutar connosco. São eventos como o *QueerSummit*, um farol de informação num mar de incertezas. Aqui, quer te identifiques dentro da comunidade ou não, juntos, num ambiente de empatia, vamos aprender a redefinir conceitos e a “mudar o chip”.

Não importa quem és, de onde vens ou a cultura em que crescestes: dá um passo na direção da mudança. E lembra-te que não vai ser confortável, vai exigir perdas, mas trará muitos ganhos, e vai valer a pena.

Petição por devolução de Rúben Amorim ao cargo de Treinador Principal do Man. United, no código QR imaginário imediatamente abaixo

Matilde Capote

Humor, desconforto, inquietude, peculiaridade, silêncio, ambiguidade, indignação, união, afinidade... São todas qualidades ou estados de espírito vividos nesta 5ª edição do *Outsiders - Cinema Independente Americano*, que decorreu entre 27 de janeiro a 1 de fevereiro. Dos 12 filmes exibidos tive a oportunidade de ver 5 (*Ham on Rye*, de Tyler Taormina; *Good One*, de India Donaldson; *Love after Love*, de Russell Harbaugh; *Our Hero*, *Balthazar*, de Oscar Boyson e *Fantasy Life*, de Matthew Shear), todos desiguais entre si, mas todos atestam que um bom filme não urge elaborados enredos, cenários ou outros embelezamentos, nem precisa de uma temática higiénica, moral.

A força do filme pode vir da priorização da atmosfera, deixar o ambiente e os atores respirarem e refinarem. O experimentalismo é palpável e sinto que ambicionado.

Candidatos a drama e comédia em torno da família, respetivamente: *Love after Love*, autobiográfico, perscruta os sismos emocionais desencadeados em cada membro da família e as réplicas que deixam nos outros, com a morte do pai, e *Fantasy Life*, um homem tornado *babysitter* ao lidar com as suas neuroses, aproxima-se da mãe das crianças,

uma atriz, lesada pela sua carreira estagnada. Entre eles frutifica um entendimento, uma admiração mútua.

Apontados para a passagem para a vida adulta: em *Good One*, acompanha-se uma filha a acampar com o pai e um amigo seu, numa sequência de conversas banais, surge uma insinuação grosseira, a turbulência provocada na filha não suscita uma reação paternal, deixando uma revolta no espectador. *Ham on Rye*, torna a passagem num ritual, com danças. A partir daí, vamos para um precipício (assim descrito pelo realizador) - uma perspetiva sobre quem vai e quem fica (que fica com uma vida mais vazia). Por último, *Our Hero*, *Balthazar*, é incisivo no uso do humor ao serviço da crítica e da ridicularização das redes sociais e da posse de armas. Um rapaz expõe a sua fingida compaixão por vítimas de tiroteios e assume-se como salvador ao intercetar um possível atirador, nisto os papéis praticamente invertem-se com consequências trágicas e irónicas.

Um punhado de filmes destemidos, autênticos, livres das calibrações comerciais.

Assim... Por mais *Cinema Independente Americano*, porque sejamos honestos é mesmo das melhores fugas de criatividade a sair dos Estados Unidos da América atualmente.



Junta-te à In-Nova e faz a diferença!

Procuras uma oportunidade para aprender, desenvolver competências e participar em projetos reais enquanto estudas? A In-Nova, a Júnior Empresa da nossa faculdade, é a escolha certa. Estamos à procura de novos talentos que queiram crescer pessoal e profissionalmente. Este ano, contamos novamente com um recrutamento muito próximo do mundo corporativo.

Na In-Nova, valorizamos o trabalho em equipa. Estruturados em cinco departamentos: Comercial, Marketing, Projetos, Qualidade e Recursos Humanos – trabalhamos em soluções de *software* e robótica para

clientes reais, transformando ideias em impacto real na sociedade.

Fazer parte de uma Júnior Empresa vai além de uma experiência extracurricular: é a oportunidade de entrar em contacto direto com o mercado, aplicar conhecimentos em contextos reais e construir uma rede de contactos valiosa com empresas, profissionais e colegas.

Se és estudante da NOVA FCT, criativo, motivado e com vontade de deixar a tua marca, a In-Nova é o lugar certo para ti. Vem fazer parte desta experiência única e transforma o teu talento em inovação!

Candidaturas abertas aqui até 10 de março!





Março

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
			5 "Central do Brasil" (NC)	6 Palestra com Workshop: "Pixel Art & Alternative Interfaces"	7 Hinds (1ª Parte: Lesma) / Festival de Música Moderna de Corroios	8 Dia Internacional da Mulher / Music Sounds Showcase
			XXXII Tágides			
9 Innovation Week	10 QueerSummit* / TunaMaria Ensaio Aberto	11 xtinto	12 "The Shawshank Redemption" (NC) / Preparação d'O Coro - Missão: Democracia	13	14 Festival de Música Moderna de Corroios	15
Jortec Bioquímica			Festival Monstra			
16	17 Venda de Crepes TunaMaria		18 VISÃO FEST	19 "GoodFellas" (NC)	20	21 Festival de Música Moderna de Corroios / CPBC Apresenta
Festival Monstra						
	24 Dia Nacional do Estudante	25	26	27 Dora Morelenbaum	28 ConCoRes	29 Dia do Piano: Dora Morelenbaum + Sofia Leão + Surma
		Mostra de Núcleos				

Eventos Semanais

Sessões de BIODANZA	Ensaios da anTUNiA / Ensaio da TunaMaria / Sessões de TAIJIWUXIGONG e MINDFULLNESS		Ensaios da anTUNiA / Ensaio da TunaMaria	Body Friday		
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo



Agenda FCT

05 mar
“Central do Brasil” (1998) - NC
Projeção do filme, organizada pelo Núcleo de Cinema.
Auditório da Biblioteca - 14h30
Entrada livre

06 mar
Palestra com workshop “Pixel Art & Alternative Interfaces”
Auditório da Biblioteca - 14h
Oradores: Philip Hunt e João Cabral

06 e 07 mar
XXXII Tágides
Dia 6: Noite de Serenatas - Paços do Concelho de Almada - 21h - Entrada livre
Dia 7: Noite de Espetáculo - Academia IRF Almadense - 20h30 - Bilhetes esgotados!

09 e 10 mar
Innovation Week
Informações na página 06 da revista.

Jortec Bioquímica
“A JorTec é um evento dirigido aos alunos, que visa a divulgação de temas científicos da área da bioquímica, assim como a partilha de percursos académicos e profissionais de diferentes convidados. Esta edição decorrerá nos dias 9 e 10 de março sendo o tema deste ano “Bioquímica: da Molécula ao Mundo”. Ambos os dias irão contar com várias palestras, workshops e coffee breaks. Esta é a oportunidade perfeita para todos ficarem a conhecer as diferentes vertentes da bioquímica, ajudando a desmistificar todas as dúvidas. Para mais informações, sigam @jortecbioquimica no Instagram!”

10 mar
QueerSummit IV *E mais!
Sala Ágora - Texto sobre o evento na página 06 da revista

10h Gravação Podcast “Bialogar” ao vivo
11h30 Palestra - Online dating in the LGBTQ+ community (Kevin Gallagher)
13h15 Palestra - Porque é que as pessoas LGBTQIA+ têm maior prevalência de problemas de saúde mental? (Helder Bértolo)
14h30 Workshop **Tote & Love (NuCraft)**
15h30 Palestra - LGTBFOBIA e micro agressões dentro da comunidade LGBT (Manuel Oliveira)
16h30 Peça Teatral - **Fa'afafine (NNT)**
17h20 Curta-Metragem - Ser Mulher (Catarina Rosa & Aniana)
18h20 Concerto - LUZA e Aniana
19h Encerro TunaMaria

Workshop Tote & Love (NuCraft)
Workshop Tote&Love, dia 10, terça-feira, das 14h30 às 15h15, uma parceria com o NuPride, a realizar-se no âmbito do QueerSummitIV. Neste workshop terá a oportunidade de customizar uma totebag ao teu gosto! Temos tintas, tecidos, e fios variados, tal como motivos alusivos à QueerSummit! Inscrições abertas!

Fa'afafine (NNT)
Diferentes consultas no mesmo palco confrontam-se com os limites da sensibilidade. Queremos nós mudar o mundo, ou alimentar o nosso ego com o problema do outro é o mais importante?
Uma pequena peça de teatro que promete fazer-te refletir no teu papel enquanto Pessoa. Vem assistir a “Fa'afafine” no próximo dia 10 de março às 16h30 no Auditório da Biblioteca da NOVA FCT, inserida na 4ª Edição do QueerSummit.

GAT: Rastreio Gratuito Cofidencial HIV-ISTs
À frente da Biblioteca - 10h30 às 16h30



Ensaio Aberto da TunaMaria
Edifício IV, Sala 204 - 21h00

12 mar
“The Shawshank Redemption” (1994) - NC
Projeção do filme, organizada pelo Núcleo de Cinema.
Auditório da Biblioteca - 14h30
Entrada livre

17 a 19 mar
Venda de Crepes da TunaMaria
Edifício Departamental - 10h às 17h

19 mar
“Goodfellas” (1994) - NC
Projeção do filme, organizada pelo Núcleo de Cinema.
Auditório da Biblioteca - 14h30
Entrada livre

25 e 26 mar
Mostra de Núcleos
A Mostra dos Núcleos é um evento dedicado à exposição da atividade dos Núcleos e Associações Parceiras da AEFCT a toda a Comunidade Estudantil da NOVA FCT. Este opera num formato de “feira”, em que cada Núcleo ou Associação Parceira é responsável pela apresentação e dinamização da sua banca. Durante o decorrer do evento, os estudantes podem recolher selos nas bancas dos Grupos Estudantis, habilitando-se a ganhar um prémio.

28 mar
ConCoRes
Congresso de Conservação e Restauro da NOVA FCT, organizado pelo NuCoRes, em parceria com o Departamento de Conservação e Restauro.

Atividades Semanais

Segundas
Sessões de BIODANZA
13h00 - 14h00
Sessões promotoras de bem-estar integral através de movimentos, dança, música e propostas em grupo e/ou individuais.

Terças
Sessões de TAIJIWUXIGONG
17h00 - 18h00
Atividade promotora da saúde cuja prática se insere na tradição budista e taoista, através de exercícios de movimento, som e meditação.

Terças e Quintas
Sessões de MINDFULNESS
13h30 - 14h00
Atividade cuja prática contribui para a qualidade de vida porque melhora a gestão da ansiedade e a sensação de autocontrolo.

Ensaios da anTUNiA
Edifício IV - Sala 203 - 21h
Queres entrar na anTUNiA? Junta-te a nós! Tens interesse em aprender a cantar ou tocar algum instrumento? Então já tens o necessário para pertencer à anTUNiA! Podes aparecer nos nossos ensaios, para embarcar nesta experiência e ver como são as atuações da nossa perspetiva, de norte a sul do país.

Ensaios da TunaMaria
Edifício IV - Sala 204 - 21h
Temos ensaios todas as terças e quintas-feiras. A participação é totalmente aberta e qualquer rapariga estudante da FCT/NOVA pode experimentar e juntar-se à tuna, mesmo sem qualquer conhecimento musical. O mais importante é a vontade de estar presente!

Sextas
Body Friday
Relvado da Biblioteca - 12h a 12h30
Este encontro visa convidar a comunidade da FCT a partilhar um momento de comunhão com a natureza.

Agenda externa

Eventos recolhidos com ajuda do NuMAC

07 mar
Hinds (1ªParte: Lesma)
Casa Capitão, Beato, Lisboa - 21h
22,01€

07, 14 e 21 mar
Festival de Música Moderna de Corroios
Cinetatro do Ginásio Clube de Corroios - 20h
7€ por sessão

08 mar
Music Sounds Showcase
Cine Incrível, Almada - 16h às 21h
“Music Sounds Better With You”, um estúdio localizado em Almada, apresenta um espetáculo que dá destaque aos seus artistas.
Entrada livre

11 mar
xtinto
Capitólio, Lisboa - 21h30
xtinto apresenta o álbum “em sonhos, é sabido, não se morre”
15€

12 mar
Preparação d'O Coro - Missão: Democracia
CCB, Belém, Lisboa
“(…) um momento prévio ao espetáculo O Coro - Missão: Democracia, no qual a compositora Beatriz Pessoa conta com as vozes do público para formar o coro que, a partir da plateia, participará nos temas dos concertos a realizar nos dias 23, 24, 25 e 26 de abril de 2026.”
Gratuito

12 a 22 mar
Festival Monstra
Cinema São Jorge, Cinema City Alvalade, Cinemateca Portuguesa - Horários variados
Festival de cinema de animação com projeção de filmes, oficinas, palestras e exposições.
2,15 a 4,00€ por filme (Estudantes)

18 mar
VISÃO FEST
Casa Capitão, Beato, Lisboa - 17h
“Há 12 jornalistas a fazer a revista VISÃO, todas as semanas, e a lançarem-se ao desafio de comprar o título. Mas são muitos mais os que se recusam a fechar os olhos à imprensa livre, ao pluralismo e a uma informação de qualidade. (...) Os fundos angariados vão ajudar os jornalistas que fazem a VISÃO a comprar o título e a fazer face ao investimento inicial para esse projeto.”
27,03€

21 mar
CPBC APRESENTA (Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo)
Complexo Municipal dos Desportos “Cidade de Almada” - 21h
“Com mais de 25 anos de história, a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo traz-nos desta vez um programa formado por três peças que se interligam e nos questionam.”
17€

27 mar
Dora Morelenbaum
Casa Capitão, Beato, Lisboa - 21h30
“Incorpora Música Popular Brasileira, junta Jazz, R&B, Funk, Soul (puro Groove anos 70), formando músicas ora mais ruidosas, ritmadas, dançáveis, tropicalistas, cheias de bizarras sónicas, ora com uma sensibilidade da Bossa Nova, com grandes orquestrações sumarentas, mais delicadas.” - Matilde Capote
24€

29 mar
Dia do Piano: Dora Morelenbaum + Sofia Leão + Surma
Casa Capitão, Beato, Lisboa - 20h30
“Nesta edição de 2026, celebramos o piano no feminino, com três showcases de outras tantas mulheres que encaram o piano com diferentes abordagens, ritmos, melodias e sons.”
27,03€

A Buraca tem canções

Reportagem de Zé Costa e Tiago Caldinhas

Intro

Nesse dia chovia intermitentemente e Lisboa resguardava-se fria e cinzenta. Estacionámos mesmo junto à entrada, e ao passar os primeiros portões metálicos não se adivinharia o bulício que encontrámos lá dentro. Chegámos atrasados 15 minutos (situação que aliás poderá simbolizar o carácter amador e inexperiente deste grupo de repórteres) e deparámo-nos com uma sala em movimento, ondulações, cachorros na linha de montagem, grupos espalhados nas mesas redondas que cobriam o soalho; ora gente mais nova, ora grupos mais idosos. Preparava-se algo. Do ar inspirava-se ação, coisas aconteciam e outras tantas estavam prestes a acontecer, e também um entusiasmo contido, talvez pelo frio que fazia.

Dia 1 de Fevereiro, Café Concerto do NuMAC organizado em parceria com o Movimento Encontros de Jovens Shalom (MEJSh), Igreja de Nossa Senhora Mãe de Deus. Uma tarde de Domingo na Buraca.

Verso

«Sempre quis realizar um Café Concerto como aquele que vi o núcleo fazer no meu ano de caloiro, mas na faculdade nunca tivémos essa oportunidade», confessa-nos o Presidente do NuMAC, Eduardo Zubach. Restrições no formato, uso de espaços e barulho dos eventos explicarão as dificuldades na concretização, além de que «recentemente sinto que não existe muito espaço de tempo vazio onde se possam realizar eventos assim, pois a outrora quarta [feira] livre, agora está preenchida por aulas devido à escassez de salas e às obras no [Edifício] 7, presumo». Questionado sobre a possível generalidade e abrangência dos problemas, reflete: «Eu sinto que é algo generalizado, pois os núcleos têm falado entre si e é maioritariamente concordado que é toda uma dor de cabeça termos permissão, o que faz com que realizar quaisquer eventos que não estejam já a ser organizados com meses e meses de antecedência seja

muito difícil. Já tivémos eventos que foram aceites apenas no próprio dia ou no dia anterior e ficar à espera desta permissão da faculdade faz com que não possamos avançar com o *marketing* nem com a organização, pois se avançássemos corre-se sempre o risco de ser tudo cancelado e perdermos dinheiro com as despesas para o evento e causar desânimo à equipa organizadora e ao público.»

Relativamente à resposta que o núcleo pode oferecer a estas contingências, o Eduardo referiu como passa principalmente por realizar os eventos fora da faculdade, aproveitando possibilidades realmente viáveis. Desta vez, «recebemos esta oportunidade de fazê-lo, graças ao MEJSh [...], que já realiza estes cafés concerto na Buraca há imenso tempo. [...] São um grupo impecável, com imensa experiência e ânimo, pois mostrava-se mesmo que eles adoram isto, que é uma adoração genuína e eu sinto que o NuMAC inteiro concorda.» O elemento catalizador desta parceria terá sido Pedro Silva, estudante da faculdade que pertence a ambos os grupos, sendo também guitarrista dos «Saigaki», banda composta por membros da comunidade *Shalom*.

Ponte

O que aí viria, nessa tarde, seria bem demonstrativo do dinamismo e capacidade de mobilização do NuMAC (Núcleo de Música, Artes e Cultura), um dos grupos mais ativos da NOVA FCT no último par de anos. Desde a decoração divertida e irreverente, conciliando tons cintilantes de estrelas douradas e colagens coloridas com um outro estilo evocando um obscuro bizarro (identificável também nas publicações efetuadas pelo núcleo no Instagram), à quantidade e diversidade de jovens bandas que marcaram presença; e, de passagem, não esquecer uma das componentes fulcrais dum Café Concerto: o café. Aí também não se falhou: comida e bebida farta, acessível, convidando ao convívio junto ao balcão, atrás do qual se movimentavam e revezavam voluntários bem-dispostos, amigos.

Desconhecemos o futuro daquelas pessoas, ali presentes: o

que farão elas da música, da ciência e da tecnologia, da sua vida, dos seus amigos, do passado - ninguém o sabe... Mas o que aconteceu terá sido, indubitavelmente, único. Nos sorrisos, no respirar, nas guitarras e percussões, pianos e instrumentações - foi um momento hiper-específico, localizado espaço-temporalmente numa singularidade especial de música jovem e divertimento sem idade. Esperamos que os presentes tenham disfrutado. Obrigado e parabéns ao NuMAC e ao MEJSh pelo evento organizado. Agora, centremo-nos um pouco naquilo que justifica o segundo termo da expressão «Café Concerto» - as bandas.

Refrão

A abertura do palco ficou a cargo dos «Entr'Outros», banda que terá assumido os primeiros contornos enquanto um trio de colegas e amigos tocava baixinho, com a discricção necessária de quem ensaia em apartamentos; mais tarde, ter-se-ão juntado os dois elementos que completam o elenco. Numa pequena conversa que travaram connosco, elogiaram o evento e a iniciativa, afirmando mais tarde que costumam tocar também em bailes, festas e clubes *motards*. O que faz sentido. Apresentaram-se na Buraca com um reportório consolidado, de clássicos *tugas* e do rock internacional, propondo um concerto capaz de entreter o público. Destacamos a música original da banda, «Hoje 'Tou Que Posso Tudo» (disponível nas plataformas habituais), que terá sido um dos pontos altos da atuação.

Seguiu-se uma quarteto de Palmela, composto por antigos estudantes da FCT, conhecida já no *campus* pelas suas atuações em churrascos e outros eventos. Ao seu notório gosto em tocar, acresce a mensagem de amor e paz - tão presente no seu estilo preferencial, o *reggae* -, que sai reforçada em cerimónias musicais como a apresentada pelos «Pachulia», onde as canções são intercaladas com palavras breves de união e emancipação. Um concerto tranquilo, 'equilibrado' e oportuno. Positividade. «O *reggae* combate de

frente o sistema».

Reabertas as cortinas, acolhem-nos em palco os caseiros «Saigaki», oriundos da Buraca. Uma banda de alegria, humor e boa-disposição, características bem patentes na atuação logo desde início, ou no próprio nome da banda, que resulta dum jogo de palavras com o insólito Saiga, animal de frente peculiar e habitante de terras cazaques. Em conversa connosco, quando a tarde ia longa e cessavam as arrumações finais, falaram-nos do movimento que todos integram, com exceção da baterista Rita - o MEJSh -, e também um pouco de si. No entusiasmo sereno com que nos revelavam curiosidades sobre a constituição da banda, encontravam-se reflexos do concerto que proporcionaram horas antes. Qualquer coisa no respeito mútuo, na amizade, uma alegria que se sentia genuína: e que enlaçou um concerto carismático e emotivo. Numa altura em que o público ofereceu silêncio, souberam recebê-lo, usá-lo. Tudo muito natural, para quem atuara apenas duas vezes naquela configuração... Por fim, aproveitando o último verso do seu concerto - «let's begin», da música *Wet Dream*, das «*Wet Leg*» - confrontámos a banda com perspectivas de futuro. Entre respostas mais expressivas ou mais prudentes, revelou-se o estado inicial do grupo: parecem disfrutar destes momentos de diversão e amizade que partilham, e para já é isso. Refere-se uma possibilidade vaga de originais, contraposta com os poucos ensaios que efetuam: entre estudo e trabalho pode não ser fácil. Pode ser que dê.

De seguida, tomaram o palco os «Museu Alma», banda composta de alunos da faculdade pertencentes também ao NuMAC. Num concerto de *covers* marcado por uma seleção muito fixe, entre clássicos do *rock* alternativo, com «The Strokes» ou «Sonic Youth», passando por música mais recente, começou a crescer o apetite por saltar da cadeira, encontrar um conjunto de colegas próximos, juntá-los cuidadosamente junto ao palco e, por fim, proceder ao *mosh pit*. Talvez não fosse a ocasião mais propensa para o efeito - mas deixamos, de qualquer forma,

um elogio à atuação dinâmica. Fica para a próxima.

O Sol desaparecera e a tarde era noite quando a cortina se abriu revelando os «P.d'Aço», também de elementos do NuMAC. Se o concerto anterior despertara o apetite para colisões exuberantes na pista de dança, este quarteto aumentou a intensidade, trazendo para palco um reportório energético e mais pesado, fazendo ecoar pela igreja os versos secos e incisivo da música dos «Metallica». O concerto terminaria com um divertido e muito necessário *crowdsurfing*, com colegas elevando o baixista no ar por breves instantes.

Por último, a larguíssima banda dos «Queima Roupa», projeto interessante que imagino oriundo daquela pequena sala junto ao Tanto Faz, donde por vezes insurgem distorções e batiques promissores rompendo a monotonia dum dia de aulas na FCT. Quantos serão, não sei - mas serão uns quantos. De música para música, as luzes do palco apagam-se e o elenco reconfigura-se: novos intérpretes, instrumentos diferentes, mas sempre o mesmo compromisso em disfrutar no palco duma experiência que, acredito, para muitos, não fosse doutra forma concebível; o mesmo compromisso em habitar o tempo com música feita por eles próprios. Talvez por isso, apesar dos estilos diferentes de cada arranjo particular, todos toquem sob o mesmo nome, representando também o que será o NuMAC: um espaço de liberdade individual, expressada e integrada num coletivo orgânico. É bonito de ouvir. E de ver: um núcleo que há uns anos teria um punhado de elementos, hoje ramificado em tantas formas de ser. Creio que, também por isso, merecem os parabéns aqueles que muito trabalharam para tornar o projeto possível.

Interlúdio

Procurámos perceber, também com os «Saigaki», o que é, afinal, o MEJSh. Percebemos que é um movimento de jovens católicos que funciona a nível nacional e internacional. Na Buraca, agrega jovens da zona, muitas vezes provenientes de culturas distintas, e

oferece possibilidades de integração e adesão a uma comunidade cuja missão ultrapassa o que os membros deram a entender ser uma ideia malvista da igreja católica. Pareceram gostar de discutir e questionar, com um olhar particular sobre o papel do jovem no mundo.

Nos cafés concerto que organizam regularmente (acompanhados de recolha de bens, para os mais necessitados), convivem bandas de pais e filhos, bandas adultas e bandas jovens, e um público que nos pareceu fidelizado, de terceira idade.

Ao movimento também se devem muitos créditos do evento, pelo apoio na organização e execução e empréstimo de material pela relação próxima que mantêm com uma escola de música vizinha.

Encore

Não há data anunciada para novo café concerto, mas o Eduardo aponta outro evento planeado para o segundo semestre «que irá abranger artes além da música, assim podemos dizer que o M [de NuMAC] não é a única letra capitalizada no nosso nome.» As bandas parceiras estarão disponíveis para eventos doutros núcleos, e a página de *Instagram* estará «ativa com posts sempre a sair» com as rúbricas habituais. Sobre o MEJSh, «agradecemos imenso o apoio e a oportunidade que eles nos deram [...], adoraria imenso voltar a trabalhar com eles.» E na despedida: «Acredito que o NuMAC irá manter-se ativo e presente na mente da comunidade FCTense este semestre como nunca.»

Assim o esperamos!



É tal e qual uma aguarela. A água aponta o caminho e a tinta segue curiosa, explora cada canto e leva o seu tempo, vai espalhando devagarinho o seu pigmento, às vezes até volta atrás para espreitar uma esquina que ficou por ver, mas no fim faz sempre o caminho que a água lhe pediu para fazer. É fácil parecer-se perdido dentro de água. Também é fácil parecer-se

destemido e tenaz, como se uma lebre escolhesse como sustento o ar que enche a toca de um lobo. Mas a vida de um cacilheiro não tem mesmo nada a ver com os retratos épicos que os humanos escolhem fazer do mar... Krakens, Adamastores, Triângulos sugadores de navios... Onde é que já se viu um mar assim?? Tu conheces um mar assim??

Eu baixo ligeiramente o olhar e mexo devagar a cabeça, primeiro para a esquerda, depois para a direita e por fim de volta para a esquerda.

Foi o que eu pensei! ... Sabes, a vida de um cacilheiro não é nada má. Desde que eu me lembro tem sido a arte desta família. Alguma coisa sempre nos fascinou sobre o desenho da água. A maneira como as correntes e o vento se organizam para criar uma passagem de ida e uma de volta... parecem duas velhas resmungonas, mas a verdade é que no fim fica sempre feito! Tu não a consegues ver, mas acredita, ela está cá, e se alguém consegue vê-la, somos nós. Há 11 gerações que vamos e voltamos do Cais a Cacilhas, tirando a minha irmã que emigrou para ir fazer a ligação ao Barreiro.

Ele sussurrou a última parte. Volto a olhar para ele e levanto moderadamente as sobrancelhas.

Mmmm... Mas a melhor parte... a melhor parte tem de ser a margem. Os dez minutos de viagem passam a correr porque vou sempre a pensar nela. Eu sei que se calhar não é a primeira coisa que te vem à cabeça quando pensas no dia de um cacilheiro. Se calhar pensas na adrenalina dos dias picados, ou das travessias em hora de ponta, do raio verde!...

Entorto a cabeça para o lado, com uma expressão curiosa.

Nunca ouviste falar do raio verde? NUNCA OUVISTE FALAR DO RAIOS VERDES?! UAU!! Muito bem, vou-te contar tudo o que sei. O que se conta desde que palavras existem é que o sol tem nele um deus brilhante, uma figura com capacidades luminosas como nunca se viu noutra canto do universo. Todos os outros deuses estavam desesperados em mantê-lo por perto, por ser tão bonito de se ver e

por trazer luz e calor. Mas o deus brilhante tornou-se arrogante, vaidoso, demasiado vaidoso, e numa tentativa de ficar com a sua luz só para si, trancou-se num quarto feito todo de espelhos. O mundo foi engolido por uma escuridão fria e vazia e a ira dos deuses, misturada com a tristeza que sentiam, levou-os a magiar um plano. Estás comigo até agora?

Pestanejo, afirmativamente.

Boa. Então, estes deuses não queriam forçá-lo a sair, com medo que tomasse medidas ainda mais extremas para não partilhar o seu brilho. Portanto, decidiram construir-lhe um gigantesco templo flutuante no céu, do tamanho de mil planetas, mesmo ao pé das nuvens. A obra foi anunciada como sendo uma oferenda ao deus dos deuses, para que estivesse sempre acima de todos os outros. Quando o deus brilhante ouviu a notícia, a altivez apoderou-se de si e, todo contente, saltitou até ao seu novo palácio para se instalar. Mas o presente não era mais do que uma rosa espinhosa e, mal entrou, foi aprisionado numa sala feita toda de janelas, para que a sua luz aquecesse para sempre a terra. Desde aí, o deus vaidoso passa os dias a olhar para o seu reflexo no mar. Uma vez por dia, no pôr-do-sol, chega-lhe tão perto que o consegue tocar, e o que sente é tão forte que emite o mais resplandecente e mais brilhante raio, de cor verde tóxica como o seu ego. Não é fácil de ver, mas quando se vê, percebe-se o porquê do alarido dos deuses. Já agora, não me leves a mal, mas és estranhamente calado para um humano. Normalmente vocês não se calam!

Esboço um sorriso amigável e inclino-me para trás na cadeira.

Estranho, não me lembro de ter havido conversas de novo pessoal, mas para estares aqui só podes ser um novo capitão. Já que temos tempo, deixa-me dizer-te o que acho de margens. Sabes, para mim a margem tem de ser a melhor parte do meu dia. Ahnn... espera, já te tinha dito isto? Ok, não interessa. A melhor parte da margem é, de longe, conhecer tantas pessoas. Quando estão sentadas é mais difícil, às vezes porque vão a

dormir, às vezes porque vão distraídas com qualquer coisa e às vezes porque usam o pouco tempo que tenho com elas para viajarem nas próprias cabeças. ... Quer dizer, era o que me faltava! Não basta a viagem que já estás a fazer, ainda vijas por cima dessa? A lata de certas pessoas... Onde é que eu estava? Ah, sim! Durante a entrada e saída, por outro lado, dá para ver quem são estes humanos que eu levo, quais é que estão com pressa, quais é que cumprimentam os humanos que me amarram, quais é que passam toda a gente à frente aos encontrões. Cada um de vocês parece completamente diferente do outro, quão bizarro é que isso é!

Levanto os cantos da boca e aceno em movimentos rápidos e curtos com a cabeça, em sinal de concordância.

Todas as pessoas vão no mesmo caminho para fazer coisas tão diferentes. É bonito, sabes, parece uma grande migração, como se os gansos e as andorinhas tivessem de percorrer quilómetros a voar todos os dias. E a margem dá sentido à água. Sem uma margem, ela não precisava de discutir com o vento todas as manhãs. Quando era pequenino, chamava-lhe a âncora grande. Já se passaram alguns anos, mas para mim o nome ainda faz sentido. Se te afastas muito, ela pede por ti como uma mãe preocupada. Se acordas num dia mau, ela aconchega-te à noite, e faz a água cantar para ti cada vez que bate nas suas rochas. Ei, hoje deve ser um dia calminho, não? Sinto-me leve, aposto que não estão mais de vinte pessoas connosco.

Estavam três pessoas, imóveis, no andar de baixo. Duas estavam sentadas, encostadas uma à outra. A terceira estava no chão. Pareciam estar a dormir. A maioria das pessoas tinha saltado para o rio. Não digo nada.

Nem vais acreditar no que eu fiz há uns anos. Estava a ir para o Cais, sim? Era de noite, uma das últimas viagens que ia fazer nesse dia. Tinha sido um dia particularmente intenso, era véspera de ano novo. Devia estar a uns quatro minutos do porto, quando fechei os olhos por um segundo. Nem tanto! Bem, quando dei por mim estava a ir

direitinho à feira de Santos, achava que tinha visto um farol! Imaginas a vergonha? Atracar no porto certo é o cerne da vida de um cacilheiro! Tentei disfarçar quando atraquei e disse ao meu pai que me tinha desviado de uma vagem de golfinhos, mas ele não parava de rir. Fiquei chateado com ele durante imenso tempo, mas agora, até admito que é uma história engraçada... Nunca tive a melhor relação com o meu pai, sabes? Mas não consigo deixar de pensar nesse episódio, representa muito bem a minha situação com ele. Sim, ele podia ter-me apoiado mais, e eu também podia ter mais ânimo para assumir os meus erros, mas no fim o que faltava era termos falado mais abertamente sobre o que sentíamos. Ei capitão, és genial! Esta conversa toda fez-me perceber que ainda vou a tempo, vou atracar hoje à noite e finalmente falar com o meu pai! Woo-hoo! Nova vida, novo eu! Ahh... que alívio... e tu, capitão? Não tens nada para contar? Hmm... É de mim ou esta viagem parece mais demorada que o normal? Ainda nem a outra margem vejo.

Chego a minha cadeira para a frente e olho para o horizonte. Sem margem à vista.

Sem problema! Não és o primeiro capitão mais tímido e, bem, tenho que te dizer que és um óptimo ouvinte. Hmm... deixa-me pensar... ah! Já sei. Houve esta vez em que a água estava completamente quieta. Leda como uma árvore. O vento deve ter acordado mais tarde nesse dia porque não vias um sopro de uma borboleta nas velas no rio. E nem imaginas o que aconteceu a seguir. ...

Enquanto ele conta a história, tento esconder o suor que me escorre da testa com o braço. Já lá vão setenta e sete horas desde que o capitão saltou borda fora. Ele foi dos primeiros... Atrás dele foram a maioria dos jovens e homens de fato e gravata. Eventualmente, ficou uma avó, cansada demais para se levantar, o seu neto, agarrado a ela, e um homem, com ar ressacado, pisado por baixo da janela que dá acesso aos botes. Não se parecem conseguir mexer. Tenho medo de falar e fazer o cacilheiro perceber que eu não existo. Tenho medo de

deixar de existir quando ele o perceber. Não há margem. Não há margem. Dizer estas palavras é deixar de ver o horizonte, desaparecer para sempre. Encontrar paz, mas a que custo? Não é uma existência penosa melhor que uma existência serena?

Sigo em silêncio, com os olhos postos no horizonte. O cacilheiro vai continuar a sua viagem, a perguntar sobre mim e a contar as suas histórias. Eu vou-me lembrar delas tanto tempo quanto ele. Eventualmente, o combustível vai se esgotar e o cacilheiro, estafado, vai achar que chegou à margem, e adormecer à deriva. Os três humanos não chegarão a acordar. E eu?

Sou o figmento da imaginação que viu o raio verde.

Capa e Memória

Rúbrica de **Pedro Copeto**

Caro colega, imagina que, numa Assembleia Geral de Alunos, assinavas uma moção que censurava o nosso Reitor e pedia a sua demissão e, por isso, eras punido com 2 anos de exclusão de frequência da Universidade.

Muitas vezes não temos plena noção do nível de repressão a que os nossos colegas foram sujeitos.

Desde o fim dos anos 50 que o ambiente era de grande tensão. O nosso descontentamento era crescente e decidimos que estava na altura de agir. Foi assim que decidimos convocar o I Encontro Nacional de Estudantes, naquela Primavera de 1962, do dia 9 a 11 de Março, em Coimbra. O Encontro foi proibido pelas autoridades e os nossos colegas do Porto e de Lisboa, que se encontravam a caminho, foram intercetados pela PIDE. Ainda assim, de forma desfalcada, o Encontro realizou-se, e pudemos dar os primeiros valiosos passos na nossa luta.

Em resposta à nossa desobediência, foi instalado um processo disciplinar e vi inúmeros colegas serem expulsos da universidade. Mesmo aqueles que simplesmente assinaram uma moção.

A indignação alastrou-se por todo o país. Sem conformismo, marcou-se uma celebração do Dia do Estudante, a 24 de Março, na capital. Naturalmente, também esta celebração foi proibida mas sob o mote “a unidade de hoje pela união de amanhã” saímos das nossas casas e rumámos à Cidade Universitária. Logo pela manhã do dia 24, a Cidade Universitária foi invadida pela polícia de choque, ignorando a autonomia da universidade. A cantina foi fechada diante de nós e vi muitos colegas serem espancados e presos. O repúdio foi incontável e declarou-se luto académico e greve às aulas. Estavam lançados os dados para o começo da primeira grande crise académica em Portugal.

Até ao fim do ano letivo foram meses sem fim de constantes conflitos, avanços e recuos, e uma valentia sem medida por parte de todos os estudantes. Em particular, já em Maio, 81 colegas juntaram-se e fizeram greve de fome na Cantina da Cidade Universitária. A estes heróis juntaram-se, em solidariedade, cerca de 1500 estudantes e alguns professores notáveis e a cantina virou um bastião de resistência. Numa madrugada, deparámo-nos com um cerco da polícia à cantina e, eventualmente, estes grevistas acabaram presos, alguns enviados para Caxias.

A certo ponto de toda esta crise, é aprovado um decreto-lei que permitia ao Ministro da Educação proceder disciplinarmente contra os estudantes, passando por cima de qualquer soberania institucional. Mais uma vez, foram incontáveis os estudantes suspensos e presos. Ninguém estava seguro.

Naturalmente, nem todos os acontecimentos desta grande crise cabem neste pequeno diário. Mas cabe sim, a cada um de nós, conhecer esta nossa enorme história, todas as nossas vitórias e derrotas, tudo aquilo por que já lutámos e tudo aquilo por que ainda temos de lutar e claro, celebrar o grande dia 24 de Março, Dia Nacional do Estudante.

Mesmo naquela Primavera, há 64 anos, eram ordens do dia questões de alojamento e pedagogia, com a bandeira da democratização do ensino e da sua extensão a TODOS.

queixa contra “Gaiato Incógnito”

Olá Gaiatozito, o que tu queres não te quer. Ela namora comigo e posso adiantar que está bastante feliz, acabei de lhe perguntar. A Rute desconfia quem és e diz que já não é a primeira vez que recebe uma carta tua, tu nem és da faculdade, eras do secundário dela (EB2,3 D. João I). Sim, podes ter a certeza que aos poucos vou-te desmascarando. Ganha juízo que já tens idade para isso, fizeste 18 anos o ano passado, vais fazer 20 para o ano que vem e tens 19, também sei coisas sobre ti. Põe-te esperto.

Gonçalo Monteiro



Belas Brasas, por Afonso Martins

Adoro-vos, Brasas!
E o calor que de Vós vem.
Muito mais que as chamas
E a ilusão que nelas se contém.

Por isso não gosto das chamas
E das suas quimeras!
Prefiro antes as Brasas,
Lentas e etéreas.

Lentas e preguiçosas,
Tenras e acochegantes,
Lindas e vagarosas são
As Brasas deslumbrantes.

Assim me encantam as Brasas.
Assim me cantam as Bravas.
Assim me cantam e encantam,

E tornaram-me a cantar:

Sussurram-me ao ouvido
Lengalengas de vulcões.
Em coro encham a sala,
Grandes fogos e trovões!

Contam-me histórias,
Aqueles que outrora foram,
Aqueles que mais fortemente
brilharam!

Aqueles que inevitavelmente,
Sucumbiram a este estado,
E lentamente minguarão...

Embora caídas,
A este chão devolvidas,
De seus orgulhos destituídas...!

Continuaram a fulgurar,
Mantiveram-se a queimar,
Humilde e pacientemente.

E tornaram-me a cantar:



Somewhere; nowhere por Beatriz Direitinho

What's the name of that place,
Where every drop of blood
Turns into beautiful written words,
And it's sealed with a kiss?

That letter you once read,
Full of overwhelming tears
And past years,
All gone, too late to go back now.

Once our experience is over,
Everything turns dark
And the need to write becomes urgent.

Humans tend to do that:
Experience, adapt,
Transform and create.

I miss the good old days
Of glorious literature,
Where mere words
Were given the importance needed;

A promise was a promise to fulfil,
A secret was a secret to be kept,
An "I love you" was truly meant;
When people weren't ignorant
When it comes to art
And its profound meaning.

Every paint,
Every sculpture,
Every song,
Every dance...

It's all poetry;
Pure and dignified poetry.
It's here that it all starts
And it all ends.
Poetry.



Amote Rute, por Gaiato Incógnito

quando voltas da praia
o bronze da tua pele
é como bifeinhos com cogumelos
e molho bechamel

O que contam os dias

Fará um ano, dia **5 de março**, que o NEFCT organizou uma visita ao Departamento de Física da Universidade de Coimbra. Foi muito fixe! Devias lá ter estado..

Dia **12 de março** terão passado 15 anos da célebre manifestação “Geração-à-Rasca”.

Este mês não esquecer o **Dia da Mulher** e o **Dia Nacional do Estudante**, dias **8 e 24**, respetivamente. Como vais comemorá-los?



Caixinha do Nojo

Quando me levantei inundava o ar um tépido cheiro a lagostim estragado. Aroma. Retorci o pescoço, olhando para baixo, admirando a minha obra mais recente: a minha mais recente obra. Nesse dia um corno de rinoceronte espreitava-me da sanita. Elegante. Viscoso. Lindíssimo. Cocó do dia: *Check!*



Velinha Aromática

Rabisca o Avô Gil:

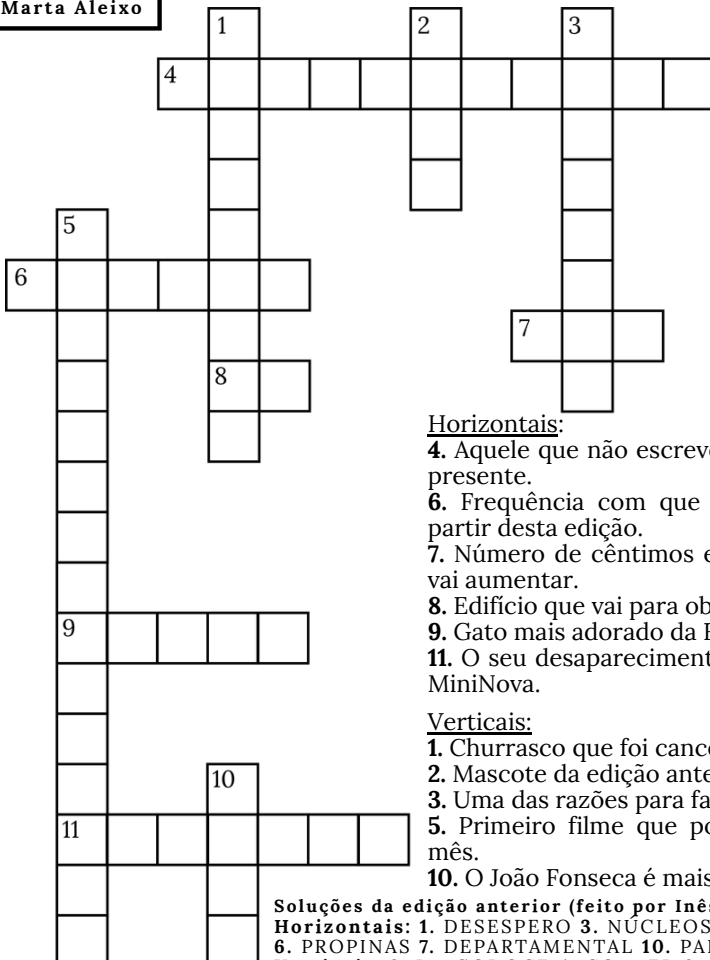
Família Cação

O Augusto está bem e a recuperar da conjuntivite, embora ligeiramente saturado da mulher Sónia, que como sabemos é muito salgada. O Joãozinho continua no futebol e já se fala em carreira profissional! O avô Gil está de boa saúde, embora a tensão suba demasiado nos jogos do neto. O mais velho gosta muito da tuna e vai atuar num festival nos dias 6 e 7, acho que se chamava “Frágides”. E com a tua, tudo bem? Família, quero dizer!



“O Oitavo Pato”

Por Jeni Chen e Marta Aleixo



PALAVRAS FCT-ZADAS!

Palavra do Bimês:

Linga

Exemplo de uso:
Olha-me p'a esta linga!

Horizontais:

4. Aquele que não escreve na revista mas está sempre presente.
6. Frequência com que vais ter de gastar 1 euro a partir desta edição.
7. Número de cêntimos em que a refeição na cantina vai aumentar.
8. Edifício que vai para obras.
9. Gato mais adorado da FCT.
11. O seu desaparecimento conduziu ao monopólio da MiniNova.

Verticais:

1. Churrasco que foi cancelado devido à tempestade.
2. Mascote da edição anterior da revista.
3. Uma das razões para fazer cá o mestrado.
5. Primeiro filme que podes ver na faculdade neste mês.
10. O João Fonseca é mais conhecido por este nome.

Soluções da edição anterior (feito por Inês Pinto)

Horizontais: 1. DESESPERO 3. NÚCLEOS 5. POPULISTA
6. PROPINAS 7. DEPARTAMENTAL 10. PANTANO 12. DIVINA
Verticais: 2. PINGODOCE 4. COLHER 8. ABEL 9. TANTOFAZ 11. AGA

Descobre as seis diferenças!





Todos conhecem o BatCopo, mas são poucos os que realmente sabem a história do mesmo.

*Musa do Levantamento do Copo,
Recontai-me os feitos do Herói
Que do polipropileno foi forjado
Para que a vida dos seus valerosos
irmãos*

Fosse poupada às amarras do destino.

*Deus nascido de Nyx, de estórias
Cuja glória num sapato excruciou
Odiseu, Aquiles e Gama.*

*Disse-lhe Natacha que pelo caminho
Na mão do seu possuidor irá ser
proclamado
E tocado pelo doce aroma do estoma do
Pecado.*

Apresento-vos uma história que não precisa nem deveria ser contada. Vou contar.

Em Siracusa, o sábio Arquimedes depois de várias estratégias estava prestes a desistir de medir o volume da coroa de ouro de Hierão II. O BatCopo, flutuando impavidamente na banheira do filósofo, desafiava as leis da física. Ao tentar afundá-lo, Arquimedes percebeu que o deslocamento da água do BatCopo era constante. Foi ao ver o reflexo do rosto do Batman da LEGO na borda da sua banheira que gritou “Eureka!”

A Diva Cleópatra estava com os planos de impressionar Marco António (não o Marco dos bolos) dissolvendo uma pérola em vinagre (cada um com as suas kinks, este é um safe space). Mas a mana não entendia grande coisa de química (tal como os alunos da NOVA FCT que só pescam das reações da levedura) e percebeu que os cálices de outro não reagiam bem à acidez. Foi nesse momento que Natacha entregou à Rainha o BatCopo, Cleópatra bebeu a pérola dissolvida diretamente do plástico, que nem sequer manchou. O tropa Marco (não o Paulo) ficou tão impressionado que declarou “Os impérios passarão, mas este copo perdurará”.

Séculos depois, o BatCopo encontrou-se no campo de batalha mais tenebroso de todos: os

estúdios da TVI. Durante uma discussão acesa de quem tinha roubado o nariz de palhaço a quem, o BatCopo permanecia imóvel recheado de sidra de frutos silvestres, em cima da mesa do IKEA de madeira de carvalho que ladeia o rio Nilo. Sim, ele estava lá. No momento da lendária porradaria (que todos dizem ter visto, mas que ninguém gravou) começou, as luzes falharam. No meio das vozes cortadas e dos gritos de “Voltas a ir à ilha e digo-te o que faço Sr. Má Companhia!”, o BatCopo foi a única testemunha do que realmente aconteceu naquela tarde, mantendo o segredo selado... Até hoje.

Ferramentas de inteligência artificial expandem o impacto dos cientistas, mas contraem o foco da ciência

Notícia submetida por NBCM

Nos dias de hoje é extraordinariamente difícil não estar a par do conceito de inteligência artificial (IA), e este efeito é amplificado ao trabalhar-se com cientistas ou, simplesmente, na área da ciência. A verdade é que é uma ferramenta ideal para comunicar ciência, facilitando a produção de artigos científicos, especialmente para aqueles cuja língua materna não é inglês. Por outro lado, será o processo (algo criativo) de fazer ciência e comunicar ciência demasiado complexo para atribuir tanta “responsabilidade” a estes modelos de IA, trará esta ferramenta benefícios a todos os níveis?

Ora, para investigar este problema utilizou-se um modelo de linguagem pré-treinado para identificar projetos/investigações aumentadas por IA, com um F1-score* de 0,875 na validação contra dados rotulados por especialistas. Analisando um conjunto de dados de 41,3 milhões de artigos de investigação em ciências da vida e cobrindo distintas eras da IA, observou-se uma adoção acelerada de ferramentas de IA entre cientistas e vantagens profissionais

consistentes associadas ao uso de IA, tais como: cientistas que usam estas ferramentas publicam 3,02 vezes mais artigos, recebem 4,84 vezes mais citações e tornam-se líderes de projetos de investigação 1,37 anos mais cedo do que aqueles que não o fazem.

Em contrapartida, a adoção de IA reduz o volume coletivo de tópicos científicos estudados em 4,63% e diminui o envolvimento dos cientistas uns com os outros em 22%, ou seja, há uma redução coletiva do foco da ciência por parte dos investigadores. A criatividade e curiosidade inata à profissão de cientista acaba por ser ofuscada pelo pensamento rápido e maquinizado dos modelos de IA, ao utilizar estes consistentemente.

Concluindo, a investigação com suporte de IA tem uma menor extensão de tópicos científicos e abranda a expansão do conhecimento, no entanto, impulsiona o desenvolvimento individual do investigador, criando um paradoxo entre o avanço pessoal e o avanço coletivo. Ao colocar o foco em grandes áreas - com bases de dados enormes à disposição da IA - que tópicos estamos a deixar para trás? Afinal, alguns dos tópicos com menos dados incluem questões fundamentais da ciência. O uso desta ferramenta não fará a ciência afastar-se cada vez mais de questões fundamentais e virar-se para questões práticas? Ao usar modelos de IA a criatividade das soluções encontradas para grandes problemas diminui e os investigadores tendem a convergir nas suas respostas, que impacto pode isto causar no desenvolvimento científico? Surgem estas e outras questões políticas e éticas para refletir sobre com factos e inteligência natural.

* O F1-score é a média harmónica entre precisão (acertar no que prevê) e recall (encontrar todos os casos), garantindo que o modelo de *machine learning* seja bom em ambos ao mesmo tempo).

Hao, Q., Xu, F., Li, Y., & Evans, J. (2026). Artificial intelligence tools expand scientists' impact but contract science's focus. *Nature*.

Os Dias que Vais Com ele

Tiago Caldinhas

As vezes que acordo e me olho ao espelho ele reflete uma massa sem cara. Meto os óculos, assoo-me e lavo os dentes, os meus não-orifícios faciais agradecem. Penteio-me e saio de casa.

Há uma laranja a rolar num prato liso, não liso como costumam os pratos lisos ser, liso sem bordas, mesmo liso. A laranja é grande e desliza entre os limites do disco-prato, ela cairia se não fosse eu a tentar equilibrá-lo, e quanto mais o tento equilibrar mais rápido a laranja rebola e rebolo eu pela rua já longe de onde acordei. Ando entre paredes sólidas. Gostava de abrir os olhos para as ver mas já me atrasava.

- Eu, que passo com menos pressa, tenho a luxúria de ver o que me rodeia. Para a frente vejo, obviamente, o caminho. É só um e só se prolonga numa direção, é o que se deve tomar. Para trás vejo o escuro.

- À esquerda veem-se um número incontável de portas, todas com formas, cores e adornos diferentes. Pintam a parede e formam paisagens. Podem ou não estar trancadas, ainda não se tentaram abrir aquando da redação deste texto. Devem estar trancadas. Se tivesse mais tempo tentava eu próprio.

- À direita, a carpete de peles humanas parece elevar-se por centenas de metros de altura. Cada pele é delimitada pela sutura que a une às outras, em algumas se vê pelo, borbulhas, marcas, cicatrizes.

A parede está morta e anseia por calor. Sua de frio. Reage ao toque de uma mão, pulsando ao seu contacto, e tenta abraçá-la. Faz força. Não se consegue mexer mais que uns centímetros desde a sua posição de repouso, mas o seu inato desejo não a deixa desistir. Faz mais força, sempre sem quebrar o contacto. Faz tanta força que parece que as suas costuras vão estourar e centenas de metros de pele gelada se vão soltar e soterrar o calor que sentem. Apressadamente a mão afasta-se e a parede volta à posição inicial.

- Em baixo vejo uma aranha, em cima de uma laranja. A laranja rola pela rua e a aranha tenta equilibrar-se o melhor que consegue, mas a estrada é inclinada e o alcatrão esburacado. A laranja acelera e a aranha vai cair.



. Existe, porém, virado para o outro lado, algo diferente, algo que não vejo quando lá não estou. É um prado de forragem alta e viva, ocupado pela paisagem de que faz parte, onde vivem em paz os silêncios do dia e onde vêm morrer os murmúrios da noite. É pálido, brilhante e saturado, a relva é da cor de "Muy Maniaco de Mi Parte", Fobia, o céu é da cor de "Ahhhh, These Chains!", Mid-air Thief, o sol é da cor de "Naomi", Neutral Milk Hotel, veêm-se joaninhas da cor de "Excuse", Parannoul, e as nuvens são da cor de "Karl Blau", The Microphones.

. As nuvens não estão paradas, as joaninhas não param, o sol move-se devagar e o céu acompanha-o. O que eu sou está escrito em cada uma das lâminas da relva, em palavras simples, em frases fáceis de entender, numa caligrafia elegante e legível, com uma cor que não se confunde com a da vegetação, a um ritmo que não cansa, com uma fluência que faz querer ler mais, com uma

desde quando é que a pressa dos dias se transferiu para os teus hábitos de leitura? olha para como lê. como se fosses apanhar um comboio, como se, se mantiveres esta velocidade, ainda vais a tempo de ler tudo o que foi escrito. Ablanda. Infelizmente, amigoe que lê, perdes minutos de leitura nesta revista enquanto milhares de textos de superior qualidade, que nunca terás tempo de ler, estão acessíveis em qualquer ainda não abrandaste. é assim tão difícil assimilar mais devagar? lê ao ritmo da tua cabeça e não ao do teu coração. preciso que leias não só as palavras, como a pontuação. cada. ponto. final, cada virgula,

cada ponto de exclamação! e porquê apenas o de exclamação? se tantos outros exist ainda não abrandaste. Quer dizer, agora abrandas quando digo isto, mas rapidamente voltas a acelerar, especialmente quando lê palavras como "rapidamente" e "acelerar". ablanda.

estica as pernas. massaga as palmas das tuas mãos. Faz isto, não me trates como se eu fosse letras num papel. estica as pernas. massaga as palmas das tuas mãos. estás a fazê-lo? estica as pernas. sente a ponta dos dedos dos teus pés no chão, sente a ponta da tua língua em todos os dentes, sente o desconforto em chegar aos mais difíceis: és real. não és só letras num papel. fecha os olhos (ainda não) e imagina o prado de que falei, não no {sítio do prado}, nem na tua cabeça, mas à tua volta, a tocar em todos os sítios onde tocaste. abre os olhos. enloqueceste, olha para ti a copiar os movimentos descritos nestas linhas de texto como uma mãe do século passado que assiste numa crt o conteúdo de um vhs recém-adquirido de ginástica exodisiaca: constrói o teu corpo de verão com o professor Fábio Galvão. e a televisão está no prado, ligada sem fio, emite tons azulados, e não faz barulho absolutamente nenhum. aliás, todo o ruído que ouves (para agora para o ouvir. todo o ruído que ouves é o vento a roçar na verde vegetação que roça em si mesma

(...)

(...)

(...)

Fecha os olhos (ainda não). Vive.

e neste momento nem eu nem a aranha sabemos o quanto ela moldou o meu caminho, o quanto já pensei nela, o quanto penso, o quanto pensarei. Ela só saberá quando, ao pousar na relva, ler o que está escrito em cada lâmina. E eu só saberei quando, ao ler este texto, me lembrar de que fui eu que o escrevi.

Tiago Caldinhas

